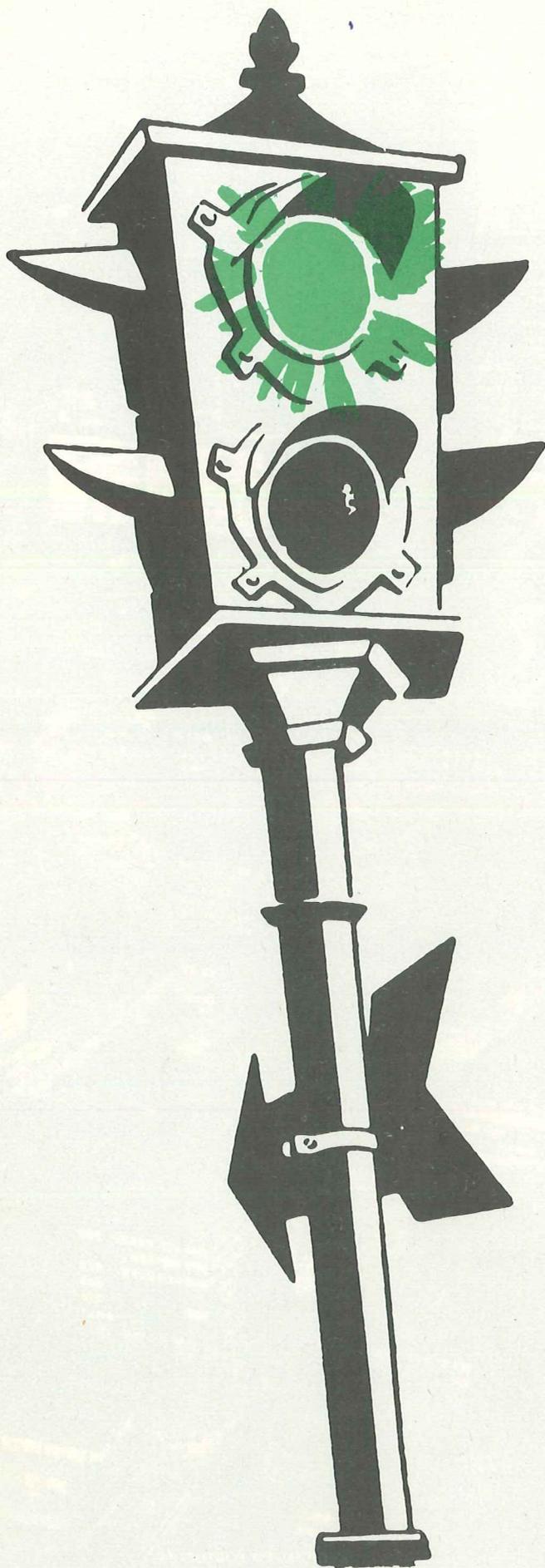


O ARAUTO

DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS
DA IGREJA DO NAZARENO
1 DE JUNHO DE 1978





um olhar comprometedor

Actos é o livro mais dinâmico do Novo Testamento. Mas seria um poço de estagnação se os homens que, no capítulo primeiro, encontramos "olhando para o céu", tivessem continuado assim.

Foram sacudidos da sua contemplação pela voz dum emissário de Deus que lhes perguntou: "Por que estais olhando para o céu?"

Era mais uma chamada à razão que uma curiosidade genuína. A hora era especial: Jesus ascendia ao céu. A Igreja de então, reunida no topo do monte que se crê ser o das Oliveiras, contemplava o espectáculo de cores irreais.

Que seria do mundo, se os fiéis tivessem ali ficado em contemplação beatífica, mas inoperante? Que herança nos caberia dum Cristo que a distância ia tornando cada vez menor e nuvens ocultavam? O impacto da orfandade sugerida pela partida do Senhor acabaria por paralisar os braços da Sua Igreja.

Os cristãos obedeceram à ordem de descer do monte e entrar na cidade assassina. Ali o conflito inevitável—a Igreja e a sociedade—iria ter lances violentos. A fé, posta à prova da perseguição, da crítica, da miséria social, de conflitos de personalidade, ia autenticar seu valor.

Gente sincera do passado idealizou o cristianismo perfeito como sendo o vivido na solidão dos desertos, longe de qualquer outro homem ou mulher. Era o evangelho de "olhar para o céu". Mesmo quando místicos se viram na necessidade de habitar mosteiros, isolaram-se em células e fizeram voto de silêncio.

Esta atitude de ficar "olhando para o céu", comprometia seriamente o propósito e o futuro da igreja. A fé tem mais do que a missão de garantir a nossa sobrevivência à pressão social. É luz e sal do mundo: cabe-lhe romper as trevas da ignorância e curar a ferida que flagela a gente que nunca subiu ao monte e ainda vive nas cidades e aldeias da nossa terra.

O curso é imperativo: da contemplação à acção. □

—Jorge de Barros



—V. H. Lewis
Superintendente Geral

fraternidade

Uma vez que esta geração se afasta cada vez mais das crenças básicas do cristianismo e, conseqüentemente, dos seus princípios éticos, os fundamentos de conduta social enfraquecem e vão desaparecendo.

A relação mútua das pessoas na terra é fundamental. Todos usamos a mesma terra, percorremos os seus caminhos, comemos os seus produtos, fazemos compras nos mesmos mercados, colaboramos nas estruturas legais existentes e compartilhamos das despesas da sua administração. Com efeito, a maior parte da vida exige que aceitemos a influência de outras pessoas em nós.

Cristo reconheceu este facto, dando-lhe expressão no conceito de fraternidade. Fraternidade é um abençoado elemento da existência humana, trazendo consigo possibilidades ilimitadas de satisfação pessoal. É, sem dúvida, o estado elevado em que as relações humanas podem decorrer do melhor modo para todos.

Ponhamos em prática os princípios da fraternidade. As palavras *Irmão* e *Irmã* são usadas na maioria das igrejas, mas, se não formos cuidadosos, ficam reduzidas a simples título e

perdem o seu valor pessoal. Chamar alguém "Irmão" e "Irmã" implica uma relação bilateral. Se ele é teu irmão, claro que tu és seu irmão. És na verdade?

Fraternidade é uma palavra que só faz sentido no seu significado real. É um desses termos inúteis—um fantasma, uma aragem, uma ilusão—a não ser que se lhe dê significado. E o seu significado é espiritual. É a disposição da nossa parte em aceitar as pessoas, o seu valor e companheirismo.

Que renovação espiritual poderia brotar nos nossos cultos se o "Irmão" ou "Irmã" fossem reavivados! Reconhecemos o facto de nem todos estarem prontos para fazer, imediatamente, essa renovação. Há egoísmo, ódio e solidão no caminho.

Uma boa coisa a respeito desta palavra é que tu e eu podemos vivê-la nos nossos corações e vidas. E, além disso, podemos tirar dela proveito. Não estou a sugerir que a pronunciemos apenas, mas que a vivamos e ponhamos em prática. Pratiquemo-la no tráfico, por exemplo; pelo menos guiaremos melhor e mais facilmente. Nos negócios e em todas as reuniões que tivermos, guardemo-la viva nos nossos corações e mentes; e apliquemo-la às nossas acções e reacções. Que recompensa desfrutaremos! Depois, também há as necessidades do nosso próximo. Um pouco de "fraternidade" fará maravilhas tanto por nós como por eles.

Digam-me, que acontecerá se todos nós, que lemos este artigo, avançarmos em fraternidade, pondo em prática os princípios de uma vida genuína? Experimentemos e vejamos os resultados! □

CAPA: foto por Luoma

O ARAUTO DA SANTIDADE

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
M. ODETTE PINHEIRO, Redactora
DANIEL D. GOMES, Ilustrador e Revisor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

Volume VII 1 de Junho de 1978 Número 11

O ARAUTO DA SANTIDADE é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações—Português—da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.0. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: \$2.00 a year in advance; single copy, 10 cents. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

foto por Richard T. Lee



foto por E. Wood



Vede-o.

Aqui uma virgem pisada
Acolá balanças fingidas
Além uma mãe esquecida

O impossível
subiu pelas janelas
esconde-se nos quintais
pavoneia-se pelas ruas

Ao lado
descuidados
indiferentes
O sacerdote e o escriba
da parábola sublime



MEU PRÓXIMO

Todos passam.

Meu próximo ficou
Aqui defraudado
Ali explorado
Acolá despojado

—Eudo T. Almeida

Todos passam . . .
E fica meu próximo! . . .

Respon- sabilidade Comunitária

—H. T. Reza

Este título não é meu; pedi-o emprestado ao livro "Perdão de Pecados".

Não para criticar, mas para nosso benefício espiritual, direi que devemos ter muito cuidado na aceitação de livros, ainda que apareçam com títulos como este. E digo "cuidado", porque às vezes podemos tomar uma expressão como afim à nossa crença, sem que o seja, verdadeiramente.

Por exemplo, no livro citado diz-se que "seria útil . . . manter diferença entre *pecado* e *pecados*, embora o termo bíblico não estabeleça tal diferença de forma directa".

E, depois, explica:

"Pecado, no singular, refere-se com mais precisão à quebra de relações do homem com Deus e à inimizade que provoca. Pecados, no plural, são os actos específicos de pecado, os frutos amargos que brotam dum coração perverso."

Até aqui está bem, mas em seguida diz: "Paulo parece preferir a diferença entre os dois termos, embora os use, por vezes, indistintamente". Aqui é onde discordamos, pois Paulo sempre, mas sempre, faz distinção entre *pecado* e *pecados*.

Os humanos compartilham, de certo modo, da responsabilidade de muitos males existentes no mundo. Os evangélicos reconhecemos uma existência comunitária que nos leva a aceitar a responsabilidade total da nossa vida em comum.

Há anos alguém atirou uma bomba explosiva contra uma igreja. O resultado foi a morte de várias crianças que assistiam à Escola Dominical. Um redactor de certo jornal acusou os Estados



foto por Braniff Airways

Unidos (país onde se deu o crime) de o ter praticado, sem diferenciar entre as mãos do indivíduo que cometeu o mal e a injustiça social reinante no país. "Todos somos culpados", disse o escritor, mas realmente nem todos eram culpados, embora o cometer injustiça faça parte da existência humana.

Quando em Dallas, Texas, foi assassinado o presidente John F. Kennedy outros repetiram a mesma expressão: "Todos somos culpados". No assassinato de Martin Luther King o mesmo foi dito pela imprensa e rádio. Claro, temos de pensar sobre a nossa responsabilidade comunitária pela justiça ou injustiça social. Mas quando um indivíduo comete determinado crime, ele e só ele é directamente culpado da acção.

Por outras palavras, não podemos esconder-nos na colectividade quando cometemos um pecado; nem sequer dizer como certa personagem da televisão: "O diabo fez-me cometê-lo".

No caminho que nos conduz ao perdão dos pecados temos de reconhecer a nossa responsabilidade individual. O salmista Daví disse: "Contra ti, contra ti somente, pequei, e fiz o que a teus olhos parece mal" (Salmo 51:4). Reconheceu o seu pecado e não lan-

çou a culpa a mais alguém: nem à sociedade, nem ao ambiente, nem ao polícia da esquina. Daví considerou-se pecador.

Só quando dizemos: "Sou pecador", entramos no caminho que possibilita o arrependimento que consiste em voltar-se para Deus e separar-se do mal. O arrependimento revela uma mudança interior, da mente; é um desejo decisivo de se voltar para Deus; uma percepção certa de que em Deus há perdão; uma aceitação pessoal de um pecado pessoal só perdoado por um Deus pessoal.

A responsabilidade comunitária só tem sentido quando o indivíduo aceita a sua responsabilidade individual. Para o que assim procede e vive, têm sentido as palavras do apóstolo João, quando escreveu: "Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo; para perdoar os nossos pecados e purificar-nos de toda a iniquidade" (I João 1:8-9, *Bíblia de Jerusalém*). Isto é, o arrependimento individual perante Deus é uma mudança no homem que o prepara para aceitar o perdão de Deus. Não se trata de responsabilidade comunitária; mas individual. □

JOÃO WESLEY:



Foto por "Dominique"

um homem
que mudou o seu mundo

—John Chilton

Ao olharmos para as sombras da pobreza, fome e instabilidade política do mundo, e ouvirmos o cruzar de sabres entre as nações, podemos facilmente ser tentados a desesperar. Mas, em vez disso, devemos olhar para trás e contemplar épocas semelhantes da história em que condições turbulentas foram enfrentadas e mudadas por homens que ousaram crer em Deus. Um destes homens destaca-se na corrente do moderno movimento de santidade. O seu nome é João Wesley.

Wesley nasceu na Inglaterra do século dezoito, uma sociedade conturbada pela Revolução Industrial, cheia de mendigos itinerantes, políticos corruptos, vícios e violência generalizada. A vida do homem comum era desastrosa, e ele procurava alívio na bebida, jogo e imoralidade. Foi a tais vítimas do pecado e da sociedade que João Wesley pregou as Boas Novas nas ruas, campos e minas. Levou Jesus Cristo ao degradado e ao desesperado, e deu início ao que foi provavelmente a transformação mais radical da sociedade em toda a história.

Sendo o décimo terceiro de 19 filhos, João cresceu na pobreza abjecta da casa de um pastor anglicano rural. Susana Wesley disciplinava os filhos no corpo, mente e espírito, com uma rigidez que parece excessiva quando comparada aos padrões modernos. Mas João, olhando em retrospectiva, bendizia as horas regulares de oração e instrução que lhe foram ministradas quando criança.

Nem a mensagem nem o método de Wesley se desenvolveram da noite para o dia. Muito tem sido escrito acerca da reunião de oração na rua Aldersgate, na Primavera de 1738, em que o seu coração foi "estranhamente aquecido". Mas para compreendermos a intensidade da sua dedicação e

serviço, devemos considerar os anos de preparação aos pés de Susana, o estudo e auto-exame que se seguiram à sua formatura na Universidade de Oxford e ordenação como clérigo na Igreja Anglicana, e os contactos com Pedro Bohler, pregador morávio e ganhador de almas. O seu testemunho persistente e coerência de vida provavelmente contribuíram tanto como os outros factores para a conversão de Wesley. Os anos de frustração espiritual e esforço legalístico foram apagados pela súbita certeza do perdão e aceitação divina, e isto tornou-se o centro da mensagem de Wesley à Inglaterra.

Contudo, a mensagem de salvação pessoal pela graça não foi bem recebida pelos pastores anglicanos, colegas de Wesley, e muito em breve as portas da igreja se lhe fecharam. Sendo um homem dedicado à igreja, ele sentia que dificilmente se podia ser salvo fora das paredes do santuário, e considerava a pregação ao ar livre com muita desconfiança.

Foi Jorge Whitefield quem finalmente o convenceu, e, um ano após a sua conversão, Wesley pregou o seu primeiro sermão ao ar livre. A congregação de 3 000 operários reuniu-se no terreiro de uma fábrica de tijolos. Tomou como texto: "O Espírito Santo é sobre mim, pois me ungiu para evangelizar os pobres..." (Lucas 4:18).

Nos 50 anos seguintes, Wesley pregou uma média de três sermões por dia, a maior parte ao ar livre, uma vez a cerca de 14 000 mil pessoas. Assim como acontecera com o Mestre, séculos atrás, "os pobres ouviram-no de bom grado". Dezenas de milhares foram levantados da miséria e imoralidade e enviados por um novo caminho, cantando a sua nova fé nas

palavras dos hinos de Carlos Wesley. Os dois irmãos trouxeram à religião um novo espírito de alegria e piedade.

Os escritos de clássicos devocionais como os de Tomás à Kempis levaram Wesley à procura de uma experiência com Deus mais profunda, uma completa devoção do corpo, alma e posses. Na véspera do Natal de 1744, chegou a uma crise espiritual pela qual ele se viu perante Deus tal qual era: "Todos os pensamentos, acções e palavras que saíam do meu coração; e se eram justos diante de Deus ou manchados com orgulho ou egoísmo. Nunca antes eu experimentara o que significava estar em silêncio diante de Deus".

Desse dia em diante, a sua mensagem foi ampliada para incluir a necessidade e possibilidade de um ministério contínuo do Espírito Santo na vida do crente. E o mensageiro foi tomado de uma paixão e urgência que o levaram a, com mais fervor, "oferecer Cristo ao povo".

Embora primordialmente um evangelista, Wesley cria que o evangelho deve tocar todas as áreas da vida, e constantemente falou contra os males sociais do seu tempo. A sua última carta foi um protesto contra o tráfico de escravos. Ele instilou nos seus Metodistas a mesma preocupação por justiça social, lançando as bases para a grande reforma que varreu a Inglaterra nos anos que se seguiram à sua morte.

Que tipo de homem foi este João Wesley que abalou os fundamentos de uma nação, e, através dos seus escritos e convertidos mudou o curso da história? Um homem de pequena estatura e pouca corpulência, mas

magro e resistente, que procurava sempre manter um regímen de exercício. Quando ainda estudante, gostava de jogar ténis e correr com regularidade. Extremamente disciplinado, decidiu nunca perder tempo em actividades que não tivessem proveito, e estar sempre pronto com pontualidade para os seus compromissos. Muitas vezes a carruagem chegou um pouco atrasada para o levar a um ponto de pregação e teve de o perseguir através da cidade enquanto ele corria à frente.

Um estudioso do mais alto calibre, Wesley não tinha lugar para palavreado difícil. Costumava pregar os seus novos sermões à criada para ter a certeza de que as palavras eram suficientemente simples para serem entendidas. Embora tivesse um sentido de urgência e gravidade acerca de sua missão, não deixava de ser um homem alegre e de espírito jovem, que tinha amigos entre todas as classes e idades. Não obstante um apóstolo do amor de Deus, foi pessoalmente infeliz nas suas tentativas sentimentais. Finalmente fez um casamento apressado e desastoso com uma mulher que se tornou um embaraço pessoal e um peso para o seu ministério.

Eis como João Wesley não é muito diferente de qualquer de nós. Tinha os seus pontos fortes e fracos; êxitos e falhas; alegrias e desapontamentos. Mas era totalmente consagrado a Deus e à sua chamada, e com isso mudou o seu mundo. As suas palavras finais são a essência da fé cristã e podem ser o testemunho de qualquer de nós: "O melhor de tudo é—Deus está conosco!" □

CAMPO É MUNDO



Participantes do III Retiro de Pastores do Distrito Sudeste, Igreja do Nazareno do Brasil.



Momentos de comunhão.



Esposas de obreiros nazarenos do Distrito Sudeste, durante o retiro.

RETIRO DE PASTORES

O Terceiro Retiro de Pastores da Igreja do Nazareno do Brasil—Distrito Sudeste—decorreu nos dias 8, 9 e 10 de Novembro, um ano após a última reunião deste género com os obreiros da nossa igreja. Além desta semelhança constatámos ainda que o lugar era o mesmo: Colónia de Férias dos Empregados do Comércio do Estado de São Paulo, situada na Praia Grande, Santos. Os objectivos dos que ali se encontravam não eram, também, nada diferentes do retiro do ano anterior: comunhão com os companheiros de ministério, lazer e muita expectativa das bênçãos de Deus.

Com a leitura do Evangelho nas palavras que Jesus Cristo dirigira a Seus discípulos: "Vinde repousar um pouco, à parte, num lugar deserto", o nosso superintendente distrital, Rev. Joaquim António Lima fez a abertura oficial deste encontro pastoral. Recomendava o superintendente que orações fossem elevadas a Deus nesses dias, lembrando as autoridades constituídas, os membros das nossas igrejas e os seus familiares.

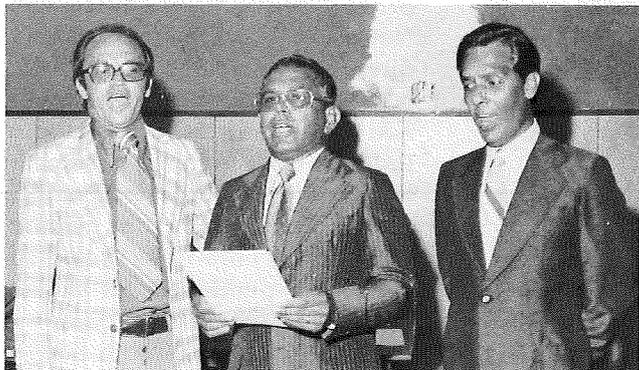
Sob o lema "Um Ministério Exaltando a Cristo", cinquenta pessoas: pastores, missionários e respectivas esposas, e seminaristas, cantaram com entusiasmo e gratidão a Deus o hino "A Cristo Coroi", do qual transcrevemos uma das estrofes mais expressivas:

*A Cristo coroi!—De todos o Senhor,
A Quem a multidão dos Céus—Aclama com fervor!
Eis o Cordeiro ali, —Que sobre o trono está,
Que vive e reina lá por nós, —E cedo voltará!*

Todos os dias que ali estivemos pregou o Rev. James Hudson, Coordenador da Zona Latino-Americana da Igreja do Nazareno, convidado especial para este evento. O Rev. J. Hudson fundamentou as mensagens na Epístola do Apóstolo Paulo aos Romanos. No primeiro dia o pregador percorreu toda a epístola, ressaltando muitos versículos da sua predilecção, e ao mesmo tempo relacionando-os com a função do pastor. O texto mais realçado foi a declaração do apóstolo Paulo: "Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de

Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego . . . O justo viverá por fé"—texto mais tarde usado por Lutero como base para a Reforma da Igreja. Outros temas foram desenvolvidos pelo conferencista, tais como "O Evangelho na Epístola aos Romanos", "Vivos para Deus", etc. A experiência ministerial e seu trabalho actual na igreja, também foram amplamente expostos pelo Rev. Hudson.

No primeiro dia, pela manhã, a Escola Dominical, através do seu presidente, pastor Luciano Duarte Silva, deu um breve relato do trabalho que vem sendo desenvolvido pela directoria; falou das viagens que ele e o vice-presidente, pastor Alípio Lima dos Reis, fizeram às regiões onde proferiram palestras concernentes ao departamento. A efectivação de uma Escola Bíblica de Férias, no mês de Julho passado, pela Igreja do Nazareno de Mesquita, RJ, com a participação de 700 alunos, foi também assunto de grande interesse entre os pastores. Na sequência dos departamentos da igreja, em nível



Um trio entusiasta. Revs. L. Aguiar Valvassoura, Hugo S. Costa e Dilo Palhares.

distrital, falou o presidente da Juventude Nazarena Internacional do Brasil, Rev. Amadeu Aparecido Teixeira, que fez uma exposição daquilo que sua directoria tem realizado e de suas viagens às regiões onde tem contacto directo com os jovens nazarenos.

No dia 9, segundo dia do retiro, o programa principiou com música inspiracional. Hinos desconhecidos foram cantados sob a regência do Rev. Elton Wood, que contava com a participação da D. Margarida Wood e D. Frances Collins, os quais diariamente estiveram encarregados da parte musical. Estes mesmos irmãos coordenaram outros números musicais, apresentados sob várias modalidades pelos pastores e seminaristas.

O presidente da Sociedade Missionária, Rev. Fernando de Sá Nogueira, apresentou estatísticas deste departamento, e estas revelaram crescimento em todas as áreas, principalmente na oferta de alabastro—mesmo tratando-se só da primeira abertura, o valor quase chegou ao montante total arrecadado no ano eclesiástico anterior. O Rev. Sá Nogueira representou a Casa Nazarena de Publicações, da

qual é secretário executivo, apresentando novos impressos recebidos da Junta Internacional de Publicações.

Logo a seguir o Seminário e Instituto Bíblico teve destaque na pessoa do seu reitor, Rev. Elton Wood, que falou das novas instalações, do curso e dos requisitos indispensáveis para um candidato ao SIBIN. O Rev. Wood prestou alguns esclarecimentos aos pastores, para que estes possam orientar aqueles que têm uma chamada divina para a obra do Mestre.

Chegou o último dia. Seria, no entanto, o mais intenso em todos os sentidos. Foi compensador. Nas primeiras horas do dia, após o culto devocional, o tesoureiro distrital da Igreja do Nazareno, Rev. Antônio Nobre Leite, prestou seu relatório a título de informação; este revelou a bênção de Deus no plano financeiro. A causa do êxito, frisou o tesoureiro, foi o trabalho dos pastores e dos membros da igreja, com uma participação totalmente cristã.

O Treinamento para o Serviço Cristão, por in-



Para o Rev. Hudson, uma lembrança do distrito, em reconhecimento pela valiosa contribuição dada ao retiro.

termédio de sua presidente, D. Margarida Wood, sugeriu inovações nesta área quanto à aplicação dos estudos nas igrejas locais, com referência ao material que se usa actualmente. Destacou a presidente os próximos cursos que serão ministrados por este departamento.

Nestes dias de comunhão pastoral, como acentuámos no início, ficou patente que os nossos objectivos foram alcançados com a ajuda de Deus. Os testemunhos ouvidos dos pastores e suas esposas, as mensagens e a convivência que transmitiram experiências, foram motivo para dizermos unanimemente: "Não somos os mesmos que quando aqui chegámos".

O encerramento foi ainda comunhão: a Ceia do Senhor. O presidente do Conselho Missionário, Rev. Robert Collins dirigiu-a com a participação do Rev. Lázaro Aguiar Valvassoura, pastor Alípio dos Reis e Rev. Anselmo Correa Duarte. O Espírito Santo de Deus, mais uma vez, testemunhou ao nosso coração: "Somos um com o Senhor na Sua Mesa!" □

—Luciano Duarte Silva
Cronista

Existe no oriente uma lenda antiga que apresenta a cólera cavalgando sobre o seu camelo. Encontrou um beduíno curioso que lhe perguntou para onde ia.

A cólera respondeu: "Vou a Bagdade matar 20 000 pessoas".

A lenda declara que os dois se encontraram de novo mais tarde e o beduíno repreendeu-a dizendo: "Mentiste-me. Em Bagdade não morreram 20 000, mas 100 000".

A resposta da cólera foi: "Eu matei 20 000; o medo matou o resto".

O medo, como um octópode gigante está hoje envolvendo com os seus tentáculos repugnantes de desespero, nervosismo, angústia, ira e aversão, as vidas de muitos indivíduos.

Ninguém está imune do perigo. Vivemos numa época neurótica. A gente está cheia de toda a espécie de temores. Cristo caracterizou o tempo anterior à Sua segunda vinda como dias em que "os homens [estão] desmaiando de terror" (Lucas 21:26).

O primeiro medo mencionado nas Escrituras Sagradas relaciona-se com Adão e Eva depois de terem perdido, por causa de sua desobediência, o estado de santidade e felicidade. Logo que pecaram, ficaram a saber o que significava ter medo, terror ao castigo, angústia e remorsos de consciência.

Assim o medo entrou no mundo através do pecado, da desavença entre o homem e Deus. E, desde então, o pecado tem provocado temor nos homens (Gênesis 3:10; Hebreus 2:14-15).

O medo leva as pessoas a fazerem coisas estranhas. Alguns tentam sufocar os temores com a auto-explosão do lema: "Come, bebe e diverte-te". Outros procuram acalmar os seus tormentos com drogas e bebidas alcoólicas. Outros ainda, em-

o medo matou o resto

—Morris Chalfant

brenham-se no seu trabalho ou posses para vencer temores.

Porém, nenhum destes mecanismos funciona como é óbvio, pela doença do medo patente na sociedade.

Para evitar o nosso desespero, há uma resposta. A Bíblia apresenta-nos a mensagem de Paulo a Timóteo: "Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação" (II Timóteo 1:7).

O medo é oposto à fé. Estar cheio de temor é não ter fé. Fé em Deus significa vitória sobre o medo.

Significa vitória sobre o medo da carência. "E, por causa de vós, repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; e a vida no campo vos não será estéril, diz o Senhor dos Exércitos" (Malaquias 3:11).

Sobre o medo da guerra: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Romanos 8:31). "Não temas . . . eu sou o teu escudo" (Gênesis 15:1).

Sobre o medo da velhice: "Confortai as mãos fracas, e fortalecei os joelhos trementes. Dizei aos turbados de coração: Esforçai-vos, não temais: eis que o vosso Deus virá . . . e vos salvará" (Isaías 35:3-4).

Sobre o medo da morte: "Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam" (Salmo 23:4).

Para dominar a espécie de temor que te aflige e te torna infe-

liz, convém temer a Deus e não ao homem.

Os psiquiatras e psicólogos estão fazendo um serviço extraordinário e têm uma tarefa a cumprir. Todavia, não podem, constantemente, ajudar a pessoa que procura escapar à consciência. Nem sabem dar paz e alegria àquele que peca.

A Bíblia diz: "Não erreis; Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará" (Gálatas 6:7). E o homem sabe, por instinto, que ceifará conforme o que semear, independente dos subterfúgios psicológicos da mente.

O falecido Dr. William Stidger contou duma viagem de avião transcontinental, feita por um dos seus amigos de negócio. De S. Francisco a Kansas City fora uma viagem extremamente acidentada e quase todos os passageiros enjoaram.

Em Kansas City entrou no avião, de manhã cedo, uma senhora de aparência fina, meia idade, grisalha; ouviu os passageiros contarem como se tinham sentido indispostos devido à viagem difícil. Contudo ela apenas sorriu gentil e confiadamente, como a dizer: "Mas eu não conto ficar enjoada".

Em breve o avião retomou o vôo, logo que o sol nasceu. Quando atingiu altitude de cruzeiro, prosseguiu a aspereza da viagem. O avião começou a perder e a recuperar altitude, como o ascensor dum arranha-céus. Quase imediatamente todos os passagerei-

ros ficaram novamente enjoados. Porém, a senhora grisalha continuava sentada, calma, gentil e imperturbável.

O amigo do Dr. Stidger, sentando-se ao seu lado, disse-lhe finalmente: "Estou admirado de não se sentir enjoada!"

Ela voltou-se para ele, sorriu graciosamente e disse: "Esta manhã tomei um preventivo contra o enjojo".

"Por favor, qual é?", perguntou o senhor ao seu lado. "Diga-me, para eu experimentar."

Ela respondeu com confiança: "Conservo os olhos fixos no sol nascente".

Se queremos perder o medo, temos de conservar os olhos fitos em Jesus Cristo—o nosso Sol nascente espiritual—o Sol da justiça, que traz Consigo a cura.

Que fazes quando o temor te bate à porta? Ficas agitado? Cais na ansiedade, barafustas e gritas? Ou recorres a alguma garrafa ou pífula?

Não precisas de fazer isso. Podes exercitar a tua fé. Dizer com o Salmista: "No dia em que eu temer, hei-de confiar em ti" (Salmo 56:3). Ou melhor ainda com Isaías: "Eu confiarei e não temerei" (12:2).

Encara o medo; sim, é necessário. Substitui o medo pela fé; sim, é essencial. Mas se queres, verdadeiramente, afastar-te para longe da sua acção e tirania, aprende a viver em honestidade afectuosa contigo, com o próximo e com Deus. É mais que um passo ou uma fórmula; é um modo de vida. E é o caminho de Deus. □

—Manuel Brito Semedo* **FOME,** o flagelo da humanidade

Sabiam que o mundo caminha para a fome? É a opinião de homens responsáveis. Sim, o mundo caminha para a fome! Contudo, a fome maior que o homem atravessa é a espiritual.

O grande Médico, reconhecendo a necessidade humana, afirmou: "Eu sou o pão da vida, aquele que vem a mim não terá fome" (João 6:35).

O nosso mundo caminha para a fome. A fome atinge a Índia, ronda a África e América Latina. Dois terços do mundo vivem num estado de fome e a própria ONU está preocupada com a falta de reservas alimentares. Um político holandês teria dito que "num período de oito anos o mundo conheceria uma crise alimentar, se nos principais celeiros mundiais houvesse má colheita". Para aumentar as reservas alimentares, os países agrícolas adubam o solo e usam máquinas para tirar maior rendimento. Outros não produtores fazem experiências com algas, para alimentação. A fome tem sido uma visita indesejável, mas periódica, nas nossas Ilhas de Cabo Verde.

Se o nosso mundo caminha para a fome material, a espiritual é permanente no mundo.

A alma está padecendo necessidades por causa do pecado. Há lares destruídos pela discórdia, caracteres arruinados por vícios, e consciências alarmadas.

O homem está procurando mitigar a sua fome por todos os meios. Usa o sexo descontroladamente. Por isso, colhe resultados desastrosos: abortos e crianças ilegítimas, doenças venéreas e aumento do índice de divórcios. Na procura da felicidade, experimenta a bebida e a droga, fuma maconha, mastiga ou cheira outras espécies de drogas que lhe proporcionam falso sentimento de segurança, de confiança, de força e de capacidade. Experimenta uma nova religião à procura de algo que o satisfaça, pois há fome do sobrenatural.

Contudo, a fome espiritual revela-se insaciável, à semelhança do que experimentam crianças de barriga inchada, durante as estiagens terríveis, com latas de comida nas mãos, queixando-se de fome. Tenta-se tudo em doses cada vez mais fortes, mas a insatisfação aumenta na mesma proporção.

Jesus, contudo, satisfaz a fome espiritual.

Ele veio a fim de satisfazer e aliviar as necessidades da alma. Ele dá à vida um novo propósito, paz interior e um novo ânimo.

Não descansemos, enquanto não tomarmos o pão que só Jesus pode dar. Ele alimenta-nos ainda que os nossos pecados passados tenham sido horríveis. Alimenta-nos ainda que as nossas faltas actuais sejam enormes.

Jesus quer saciar a nossa fome espiritual. □

*Santiago, Cabo Verde



Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

Faça HOJE a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

Endereço antigo

NOVO ENDEREÇO

Nome _____

Endereço _____

As famílias de Israel permaneciam silenciosas perante a figura idosa do seu líder. Ele acabara de lhes recordar a sua história gloriosa e a acção de Deus no seu meio. Tinha-lhes lido a lei que Deus dera através do Seu servo Moisés. Agora, encontravam-se esperançosos no solo sagrado de Gilgal e enfrentavam a sua responsabilidade. "Escolhei hoje a quem sirvais" (Josué 24:15), desafio lançado por Josué.

A resposta dada pelo povo repercutiu as suas palavras: "Porém, eu e minha casa serviremos ao Senhor". Os seus pais decidiram sair da terra do Egito. Eles, os filhos, tinham atravessado o rio Jordão. Encontravam-se, agora, na Terra Prometida. Mas esses factos não eram suficientes. Precisavam de escolher. Logo que a sua escolha chegou aos ouvidos de Josué, pronunciou as palavras: "Nunca nos aconteça que deixemos ao Senhor" (24:16). Para andar com Deus, Israel precisava de aceitar responsabilidade.

As Sagradas Escrituras registam os esforços contínuos do homem em fugir à responsabilidade. Adão culpou Eva. Caim gritou: "Sou eu guardador do meu irmão?" (Génesis 4:9). Daví mandou Urias para casa, no intuito de encobrir os seus actos; e, quando já não podia lançar sobre ele a responsabilidade, recorreu ao assassínio. O sacerdote e o levita "passaram de lado", evadindo-se da responsabilidade em ajudar o próximo necessitado—responsabilidade apresentada, claramente, em Deuterónimo 22. Para ser crenças necessitamos de ser pessoas responsáveis.

A Bíblia diz que somos responsáveis pelas nossas acções: Êxodo 21:33-34 fala do homem que abre uma cova e se esquece de a tapar. Semelhante pessoa é responsável se alguém cair nela. Deuterónimo 22:8 declara que o que constrói uma casa com varanda, mas sem resguardo, é responsável pelos que de lá caírem.

Reconhecemos, prontamente, tais responsabilidades; no entanto a Palavra de Deus continua a recomendar-nos responsabilidade em todos os aspectos da vida. "Vós, maridos, amai as vossas mulheres" (Colossenses 3:19); "Vós, mulheres, sujeitai-vos aos vossos maridos" (Efésios 5:22); os pais devem ensinar e corrigir os filhos (Efésios 6:4). Génesis 18:19 afirma que Deus escolheu Abraão, porque era um homem que aceitou a responsabilidade

de dirigir a sua família ao Senhor. Devemos responsabilizar-nos pelas nossas acções e pela nossa vida.

A Palavra de Deus diz que somos responsáveis pela nossa reacção às acções do próximo. Deuterónimo 22 fala do jumento do nosso próximo que se desviou do caminho e do que conduziu a carroça para a valeta. Lembra-nos, ainda, a responsabilidade de ajudar, restaurar e curar.

Jesus, em Mateus 5:23-24, leva este assunto muito mais longe, quando afirma que se outra pessoa tem algo contra mim, é minha responsabilidade procurar endireitar as coisas e, se o não fizer, a minha oferta diante do altar de Deus não é aceite. "Se for possível, quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens" (Romanos 12:18). De novo a responsabilidade é minha.

A Palavra de Deus declara que somos responsáveis em evangelizar o mundo. "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações" (Mateus 28:19). "Vós sois a luz do mundo . . . Vós sois o sal da terra" (Mateus 5:13-14). "Ser-me-eis testemunhas" (Actos 1:8). Estas afirmações de Jesus têm sido reiteradas muitas vezes; tornaram-se devisa, lema e credo, mas colocam sobre mim a responsabilidade de levar Cristo ao mundo em que vivo.

A fuga à responsabilidade tem trazido desgraça aos homens. A falta de Daví em agir de modo responsável para com a sua família, conduziu-o à infidelidade, ao assassínio e à traição. As suas lágrimas por Absalão e a prontidão em morrer por ele, foram inúteis, porque não tinha sido responsável (II Samuel 18:33). Assim é através da Bíblia: Saul culpou o povo e perdeu o reino; Herodes culpou a moça dançarina e mandou cortar a cabeça a João.

A aceitação da responsabilidade tem levado os homens a encarar a vida, a receber a salvação, a esperança, paz, amor e alegria. A responsabilidade no lar resulta em boas relações entre o marido e a esposa, pais e filhos. Na comunidade produz paz e integridade, estabilidade e crescimento. Na igreja conduz ao evangelismo, oração, interesse, alcance do perdido e edificação dos santos. E tudo se resume nisto—é minha escolha, eu devo decidir a quem servir e preciso de o fazer hoje. □

—Theodore P. Esselstyn

A PALAVRA DE DEUS INSISTE: RESPONSABILIDADE

Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5º E., Lisboa-1.

Para uma assinatura, envie a importância de US\$2.00 (ou o equivalente na moeda dos países de expressão portuguesa) para qualquer dos endereços acima indicados.



santidade e responsabilidade social

Haverá, realmente, relação entre estas duas coisas? Sim, muito mais do que geralmente se pensa.

Apesar de o movimento de santidade não se distinguir hoje por interesse marcado nos problemas sociais, nem sempre foi assim.

As origens do metodismo revelam-nos clara preocupação social com impacto na Inglaterra do século XVIII. Os primeiros metodistas tinham dupla missão: reformar a nação e espalhar a santidade escriturística. O próprio João Wesley foi muito activo em atacar a escravatura, o mau uso do dinheiro, o tráfico de bebidas alcoólicas, os problemas operários e de saúde.

Nos Estados Unidos também houve relação estreita entre o perfeccionismo e a reforma social. Podemos vê-lo claramente no trabalho realizado pelos Quacres e o Exército de Salvação.

No ano de 1854 o editor duma revista de santidade declarou: "A espiritualidade tem de ser expressa numa moral irrepreensível e esforços contínuos em reformar a sociedade".

O Dr. Timothy L. Smith mostra no seu livro *Avivamento e Reforma Social* a grande relação que houve nos Estados Unidos, entre o movimento da perfeição cristã e as mudanças sociais do século XIX.

No princípio da nossa própria igreja encontramos um interesse genuíno pelos pobres, traduzido numa obra eficaz na cidade de Los Angeles. Daí nasceu a Igreja do Nazareno na Califórnia.

Em seguida, infelizmente, esse interesse foi desaparecendo. Outros grupos deram ênfase demasiada ao aspecto social, descuidando a parte espiritual. As igrejas conservadoras reagiram contra todo o tipo de obra social.

As igrejas de santidade têm seguido pelo mesmo caminho. O Dr. George Turner, pessoa de destaque neste movimento, diz:

"A não ser que o nosso testemunho de plena salvação seja correspondido proporcionalmente pela preocupação do bem total do homem, especialmente dos menos privilegiados, a nossa profissão de amor perfeito será posta em dúvida e, talvez, invalidada."

Felizmente, neste aspecto, começam na igreja a soprar ventos refrescantes. A Igreja Metodista Livre deu um grande passo na última conferência reconhecendo a sua falta quanto aos problemas sociais. Outros grupos evangélicos começam a sentir a sua importância como complemento do testemunho cristão. Procuremos continuar nessa direcção. □

—Angel Hernández Villanueva

Eu era assim, assim como o jovem Charles, um hippie que tive a oportunidade de conhecer numa manhã de sexta-feira, na cidade de Ouro Preto, MG.

Naquela manhã eu fazia uma "viagem" diferente da de Charles. Estava tendo experiências que jamais tivera em toda a minha vida de "muchileiro".

Eu era assim, um jovem que com 15 anos de idade deixara a casa de um pastor para viver de aventuras, no mundo febril de drogas, na cidade do Rio de Janeiro. Numa certa noite, eu e meu primeiro companheiro passávamos pela Av. N.S. de Copacabana. Encontrámos um rapaz aleijado, sentado numa esquina, "puxando" um cigarro. Nunca imaginei que naquela noite eu "puxaria a erva maldita". Fiquei "voando" e parecia que estava andando numa terra diferente. Foi exactamente naquela noite que comecei a destruir a minha própria vida.

Passou-se uma semana e, mais tarde, o mesmo colega me chamou para ir a uma "boca de fumo" num dos morros do Rio de Janeiro. Aceitei o convite e fui, pela primeira vez, a um "comércio de fumo" e drogas. Voltei lá, depois, outras vezes.

Numa tarde, quando descia do morro de S. José, em Madureira, a caminho da estação, ao chegar à plataforma senti a mão. Era a polícia que me apanhava em flagrante, e pela primeira vez conheci um xadrez. Fiquei preso 9 meses no juizado de menores, e outras vezes se seguiram.

Aos 19 anos incorporei-me no exército brasileiro. Com 6 meses de serviço militar desertei para viver com uma turma de hippies no litoral fluminense. Foi nesta época que conheci o "ácido", uma das piores drogas que tomei.

Eu queria trabalhar, mas como, se não tinha o certificado? Assim, resolvi apresentar-me no quartel: barbudo, cabeludo . . . Fui recolhido imediatamente para o xadrez, que não era bicho de sete cabeças para mim, pois já estava acostumado.

Num domingo recebi a visita de um amigo. Fiquei espantado: ele trajava de calça "Lee" e uma camisa com os seguintes dizeres: CRISTO TE AMA. Trouxera ainda alguns folhetos e o livro "Foge Nick, Foge". Eu não podia creditar no que via. Falou-me que estava frequentando a Igreja do Nazareno de Mesquita e sobre o pastor Amadeu Aparecido Teixeira. Disse-me que "o cara era legal". Fiquei com o livro e os folhetos, li-os e gostei muito. Nesse presídio só fiquei mais uns 60 dias preso na 13a. enfermaria do Hospital Central do exército. Fui posto em liberdade por insuficiência física.

Quando saí, procurei logo o meu colega e a

igreja, mas naquela noite não havia culto. Então senti vontade de tomar "uma dose". Os meus amigos, em comemoração da minha liberdade, deram-me "um dólar de fumo".

Noutro dia fui à igreja e um amigo apresentou-me ao pastor Amadeu. Achei-o muito legal, mas não quis aceitar Cristo. Passaram-se dois anos . . . Já me considerava perito em arrombamentos. Cada dia que passava, eu só pensava em roubar para manter o vício e possuir uma "boca de fumo" no bairro.

Em Abril convidei um amigo para irmos a Petrópolis. Ao chegarmos à rodoviária fomos para um bairro luxoso. O frio era tanto que logo pensámos em fumar um cigarro de erva e, naquele instante, chegou a polícia e nos levou para o "chilindró".

Ali passei fome, frio e humilhação. Só não morri, porque Deus tinha um plano para a minha vida. Foi numa tarde, às 18 horas, que me lembrei do pastor Amadeu e, imediatamente, apanhei um pedaço de papel de embrulhar pão e escrevi-lhe pedindo ajuda. A partir daquele momento aceitei a Cristo.

Fiquei aguardando julgamento. Certamente eu iria "puxar" de 2 a 4 anos de reclusão por uso de drogas e arrombamentos. Orei todas as noites no cárcere, pois me encontrava desanimado.

Numa tarde de sexta-feira, eu acabara de orar. Os meus colegas de cela estavam zombando dizendo que não adiantava orar e que as minhas orações não tinham valor. Nesse momento, o carcereiro chegou à porta do xadrez e chamou-me, mandando-me preparar. Fiquei desconfiado e olhei para a sua mão. Tinha um papel escrito—alvará de liberdade. Dei graças a Deus no meu coração.

No domingo seguinte eu estava sentado no banco da Igreja do Nazareno de Mesquita, onde os jovens cantavam belos hinos. O pastor pregou e comecei a chorar e a sentir algo que nunca tinha sentido em toda a minha vida. Fui ao altar em lágrimas e, daquele momento até hoje, fui e estou liberto das drogas e dos vícios. Sinto-me muito feliz servindo a Cristo. Hoje faço parte do corpo de Cristo, sou componente do grupo *Braço Forte*, onde usamos nossos lábios e corações para glorificar o nome do Senhor nosso Deus.

Juntamente com alguns jovens e o pastor Amadeu, passávamos atrás de um presídio de escravos em Ouro Preto, quando encontrámos um grupo de hippies e um deles nos chamou; demos-lhe atenção. Enquanto o pastor falava com ele, eu chorava com pena daquela alma. Pensava: Será essa a imagem e semelhança de Deus? Mas eu também era assim! □

—Daniel Aleixo França

Mesquita, Rio de Janeiro

ponte de amor

—Acácio Pereira



As pontes servem para estabelecer ligação entre terrenos desnivelados ou com profundos abismos de separação. Que bom seria que o nosso amor construísse mais pontes entre os corações humanos!

A maior parte das lutas que têm ensanguentado os cinco continentes surgiu de problemas sociais. A África, por exemplo, tem sido cenário das mais horrendas chacinas. Povos oprimidos durante séculos procuram agora libertar-se a qualquer preço. A anarquia e o ódio dominam a maior parte dos partidos políticos. Nin-

guém parece concordar com o *statu quo*.

O terror da desigualdade herdada ou imposta paira em todas as camadas sociais. As pessoas nascidas em palacetes de brasões e pergaminhos não querem ceder o pedestal em que se encontram alcandoradas. Os pobres sujeitos a casas esburacadas em bairros de lata, vivem à míngua. Apesar de tantas teorias humanas, a disputa entre patrões e operários, chefes e súbditos, continua—reminiscência das classes medievais. Mas como lançar os alicerces duma ponte que una todos os homens em amor?

A própria Bíblia não esconde a desigualdade: “Porque está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava e outro da livre” (Gálatas 4:22). Jesus, subentendendo também a existência dos ricos, disse aos presentes: “Os pobres sempre os tendes convosco” (João 12:8). Problema idêntico ao da dor que afecta o homem em níveis diferentes: ricos e pobres, jovens e adultos, velhos e crianças. Augusto Gil, poeta português, exprimia-se assim na “Balada da Neve”:

*Que quem já é pecador,
Sofra tormentos, enfim!
Mas as crianças, Senhor,
Por que lhes dais tanta dor?
Por que padecem assim?!...*

Vivemos num mundo de descontentamentos, porque o homem nasceu para gozar e não para sofrer, para ser senhor e não para ser escravo. Após a criação do primeiro casal humano, Deus disse: “Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves do céu, e sobre todo o animal que se move sobre a terra” (Gênesis 1:28). O abismo que, muitas vezes, separa os homens—por causa do racismo, nacionalismo e até da religião—precisa dessa ponte de amor para maior aproximação, igualdade

e fraternidade. As pontes servem para estabelecer ligação entre terrenos desnivelados ou com profundos abismos de separação. Que bom seria que o nosso amor construísse mais pontes entre os corações humanos!

Deus criou o universo com absoluta precisão, peso e medida. Tudo gira sob rigoroso controle e leis preestabelecidas. Quando o homem transgride, sofre irremediavelmente as consequências, traduzidas em sofrimento, escravidão ou morte. Deus não criou nem quer o mal do homem. Apenas, perante a sua falha, o permite. No entanto, “sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus” (Romanos 8:28).

Lemos na Bíblia que o centurião de Cafarnaum expôs abertamente os melhores projectos para construir pontes de amor: tenho superiores, chefes que me dominam e estou debaixo das suas ordens. Todavia, também exerço poder sobre outros que me são inferiores. E apontando para o Mestre: “Só Tu nos podes comandar a todos”. Por outras palavras: neste mundo cada qual tem o seu lugar na sociedade, em níveis diferentes, mas Jesus é Quem dirige a todos lá do alto.

As diferenças sociais só serão superadas no campo espiritual. Jesus afirmou: “Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (João 8:36). Liberdade para igualdade. O livre arbítrio é um dom precioso que Deus nos concedeu. Temos o privilégio de poder escolher o melhor, uma consagração real e total a nosso Senhor Jesus Cristo. Foi Ele que lançou a ponte de amor mais sólida e eficaz para ligar todos os homens: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vos uns aos outros vos ameis” (João 13:34). □

missão possível

Em 1838, o governo britânico anunciou a abolição da escravidão na Jamaica. Para celebrar a emancipação, os escravos construíram um grande caixão de mogno e cavaram um túmulo. Encheram o caixão com chicotes, instrumentos de tortura, ferros de marcar, algemas e roupas grosseiras e andrajosas.

Quando o caixão se abarrotou com tais relíquias da escravidão, a tampa foi aparafusada com segurança. Ao bater da meia-noite, enterraram o esquife. A seguir os escravos celebraram a sua emancipação, cantando com entusiasmo os seus hinos de liberdade.

A uma sinagoga apinhada, numa cidade remota, Nazaré, Jesus fez um dos anúncios mais incríveis que jamais se ouviu. Proclamou que o impossível se tornaria possível. Declarou que a Sua missão ofereceria liberdade do pecado a uma raça escravizada—a raça humana.

A Sua missão era pregar o evangelho aos pobres. Até Cristo vir ao mundo, os pobres eram rejeitados como a escória da terra e a maldição de Deus. As boas novas para os pobres ofereciam-lhes comunhão na família de Deus.

A Sua missão era curar os quebrantados de coração. Muitas doenças antigas têm sido conquistadas—como a febre bubônica, a tifóide e a poliomielite. Mas a lista de corações quebrantados aumenta de dia para dia. A vida moderna esconde os corações quebrantados atrás de drogas e fachadas de falsa liberdade e êxito material. A missão de Jesus ainda inclui os que foram esmagados e feridos nas lutas da vida.

A Sua missão era libertar cativos. Há hoje poucas pessoas sujeitas às cadeias da escravidão física. Mas à medida que aumenta a liberdade pessoal do homem, esta parece ser engolfada em auto-indulgência e vida pecaminosa.

A missão de Cristo incluía restaurar a vista aos cegos—tanto física como espiritualmente cegos. “Não há cego pior que o que não quer ver.”

A celebração da nossa emancipação ainda não se verificou. Esperamos por esse dia, não para enterrar um esquife, mas para nos levantarmos da sepultura para uma vida sem fim de liberdade e glória!

□

—Donald S. Metz

